

## PORTUGAL E A MODERNA ORIENTALÍSTICA

por  
JOSÉ NUNES CARREIRA

Os Portugueses até foram pioneiros da moderna Orientalística. Rumando directamente da « ocidental praia lusitana » às costas do Malabar, projectaram a Europa no coração da Ásia ; assentaram firmemente os pés nesse Oriente misterioso e fascinante ; penetraram real e seriamente nalguns recantos da alma oriental, investigando lendas e costumes, estudando línguas, culturas e religiões dos povos que aí viviam. As motivações podem ter sido muito diversas — dilatação da Fé e do Império, comércio, espírito de aventura, curiosidade intelectual. O resultado final foi um avanço apreciável na investigação do Oriente, o mesmo é dizer, na Orientalística.

Outro Oriente, Próximo em relação à Europa, jazia adormecido numa hibernação de séculos, ou antes, de milénios. Cadinho de civilizações esplendorosas, berço de literaturas riquíssimas, teatro de guerras de conquista e de anexação, terreno fértil de mitos e de vivências religiosas, esse Oriente nunca deixou de fascinar os europeus.

Por lá andaram também viajantes portugueses nos séculos XV e XVI. Em viagem de exploração, para aí partiu a missão de Pero da Covilhã em 1487. Talvez sem o esperarem, os exploradores portugueses deram de chofre com uma antiga civilização semítica, a única das costas de África. A Abissínia foi, de facto, semitizada

a partir da Arábia do Sul. Desde épocas remotas, grupos de Semitas atravessaram o estreito, estabeleceram colónias e empórios comerciais do outro lado, lançaram-se numa conquista dura-doira do território. Controlaram as rotas do Índico e do mar Vermelho, asseguraram-se das fontes de produtos muito apreciados na Arábia, como o marfim, o ébano e o incenso. Apesar das diferenças, a civilização semítica da Abissínia une-se estreitamente às formas da cultura sul-arábica.

Os portugueses foram bem acolhidos e agasalhados no reino do Preste João. Mas o imperador não os deixou regressar à pátria. Ainda estavam na Abissínia, quando, uns trinta anos mais tarde, por lá apareceu nova expedição portuguesa, comandada por D. Rodrigo de Lima. E por pouco que não se repete a peripécia anterior. Os homens de Rodrigo de Lima só não ficaram retidos na Abissínia porque o imperador precisou das armas portuguesas. O auxílio das tropas de Cristóvão da Gama foi imprescindível para repelir uma invasão muçulmana das terras do Preste João. Iniciou-se um período de amizade e influência portuguesa. Realizaram-se numerosas viagens, sobretudo de missionários, que « no princípio do século XVII dão com as suas relações um contributo fundamental para o conhecimento geográfico da região »<sup>1</sup>. Como primeira abordagem europeia e autêntica mina de informações sobre a língua e os costumes locais, ficou a obra do P.<sup>o</sup> Francisco Álvares<sup>2</sup>, cronista da expedição.

Em 1563 pisa o Oriente Próximo outro português. É franciscano e demanda os lugares santos da Palestina. Deixou um *Itinerário* famoso, muito editado e estudado<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> S. MOSCATI, *Las antiguas civilizaciones semíticas*, trad., Barcelona 1960, pp. 254-255.

<sup>2</sup> *Ho Preste Joam das índias. / Verdadeira informação das terras do Preste Joam / segundo vio e escreveo ho padre Francisco Alvarez capellã del Rey nosso / Senhor*, Lisboa 1540.

<sup>3</sup> ITINERARIO / DA TERRA SANCTA, E DAS SUAS PAR-/TICVLARIDADES, COMPOSTO / POR FREY PANTALIAM / DAVEIRO. [...] Em Lisboa em casa de Simão Lopez. [...] M.D.LXXXIII. Outras edições: Lisboa 1596, 1600, 1685, 1721, 1732; Évora 1612. Cf. GOMES

Com isto, parece ter-se esgotado o contributo português para o estudo das civilizações e culturas do Próximo Oriente antigo, Nem durante o domínio colonial do Brasil os Portugueses deram pela inscrição fenícia de Paraíba, se acaso já lá estava antes de 1822<sup>4</sup>.

#### DOS PRIMÓRDIOS AO APOGEU DA ARQUEOLOGIA ORIENTAL

Viagens e peregrinações não desembocaram necessariamente em exploração científica. Foram, porém, prelúdio vantajoso e criaram muitas vezes as condições para o êxito da investigação. Nem terminaram com o início das missões oficiais e as primeiras campanhas de escavação arqueológica. Já nos fins do século XIX, ainda o austríaco Eduard Glaser mete pela Arábia do Sul adentro, umas vezes misturado com o exército turco outras disfarçado de

---

PEREIRA, *Gramática e vocabulário de Fr. Pantaleão precedido de um breve estudo sobre o autor e sua obra*, em *Revista Lusitana* 16 (1913) 81-100; C. B. BECKINGHAM, *Pantaleão de Aveiro and the Ethiopian Community of Jerusalem*, peregrinans anno 1563, em *JSS* 7 (1962) 325-338; H. BERBERIAN, *Les Arméniens dans l'Itinéraire de la Terre Sainte du Fr. Pantaleão de Aveiro*, em *Revue des Études Arméniennes*, nouvelle série, 2 (1966) 369-380; M. AUGUSTO RODRIGUES, *Aspectos da presença árabe no « Itinerário da Terra Santa » de Fr. Pantaleão de Aveiro*, em *Actas do IV Congresso de Estudos Árabes* (Coimbra 1-8 de Setembro de 1968), Leiden 1971.

<sup>4</sup> Descoberta em 1873, a inscrição de Paraíba continua a suscitar acesa controvérsia entre os orientalistas. Autêntica para C. H. GORDON, *The authenticity of the Phoenician Text from Parahyba*, em *Orientalia* 37 (1968) 75-80, é forjada para H. SCHMÖKEL, *Die Brasilienfahrt der Phöniker fand nicht statt*, em *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 16.8.1968, onde se rebatem os argumentos de Gordon. Da mesma Alemanha vem outra defesa da autenticidade: L. DELEKAT, *Die Echtheit der 1873 bekanntgewordenen kanaanäischen (altsidonischen) Inschrift aus Paraíba in Brasilien nachgewiesen* (BBB 32), Bonn 1969.

árabe, copiando inscrições e industriando beduínos para o fazer nos lugares aonde não chegava. O alemão Ulrich Jasper Seetzen (1767-1811) calcorriou a Síria de 1803 a 1806, algum tempo disfarçado de mendigo. Pelo interior da Síria, fixando observações científicas e cartográficas, passou também o suíço Johann Ludwig Burckhardt (1784-1817), a caminho do Egipto. Descobriu em Hamath um muro com escrita pictográfica não-egípcia, o primeiro testemunho dos hieróglifos hititas, hoje no museu de Istambul. Ambos se converteram ao islamismo, para facilitar as viagens e aumentar a segurança. Como Xequé Ibrahim, Burckhardt conseguiu visitar Meca, em 1814-1815. Mas a Seetzen nem a conversão valeu. Passando por Sana e Áden, o alemão penetrava no interior com a sua caravana carregada de material arqueológico. Desapareceu sem deixar rasto. Foi morto, como pensam alguns, perto de Taiz? Foi envenenado em Sana, como afirmam outros? Certo é que a exploração da Arábia lhe ceifou a vida.

Nos princípios do século XVII, já o nobre italiano Pietro della Valle (1586-1652) conjugara a piedade com a ciência. Aproveitando uma peregrinação ao Santo Sepulcro, deu uma volta pela Ásia Anterior. Esteve em Babilónia, Ur e Persépolis e trouxe os primeiros tijolos inscritos para a Europa<sup>5</sup>. O dinamarquês Carsten Niebuhr, único sobrevivente da primeira expedição científica à Arábia do Sul (1761-1767), — a Arábia Feliz dos Antigos e « Felix por antífrase infelice » de Camões (Canção IX) — nada entendeu do estranho alfabeto de « sinais altos e direitos ». Mas, copiando e mais tarde publicando<sup>6</sup> inscrições de Behistun e Persépolis, criou as condições para a decifração da escrita cuneiforme.

---

<sup>5</sup> Os relatos de viagem apareceram em forma de cartas a um amigo : P. DELLA VALLE, *Viaggi descritti in lettere familiari ...* I-II, Roma 1650-1653.

<sup>6</sup> C. NIEBUHR, *Beschreibung von Arabien*, Kopenhagen 1772 ; reimpressão 1969 ; *Reisebeschreibung nach Arabien und anderen umliegenden Ländern*, I-II, Kopenhagen 1774-1778.

Franceses e alemães rivalizaram em expedições grandiosas ao Egípto, nos fins do século XVIII e princípios do XIX<sup>7</sup>. E surgiram obras colossais sobre os monumentos do vale do Nilo<sup>8</sup>. Os ingleses lançam o primeiro assalto na exploração científica dessa Mesopotâmia inóspita, belicosa e atrasada, perdida nos confins orientais do império turco. Moviam-nos razões comerciais (a Companhia das Índias procurava um caminho mais curto para a Índia, através do Eufrates). Mas os levantamentos topográficos e geográficos abriram outro caminho — o da exploração arqueológica dos sítios antigos.

Diplomatas, oficiais e aventureiros franceses e ingleses ardem em febre de escavar as antigas capitais neo-assírias — Nínive, Kalakh e Dur Sharrukin, ou, como eram conhecidas as suas ruínas, Tell Kuyundjik, Nimrud e Khorsabad. Paul-Émile Botta em Khorsabad e Austen Henry Layard em Nimrud não têm mãos a medir. Esventram salas, cavam túneis, desnudam as paredes dos relevos que as adornam, carregam estátuas de reis barbudos e animais alados. É um saque descarado e generalizado para dotar o Louvre e o British Museum. O italiano Giovanni Battista Belzoni a arrombar pirâmides no Egípto e o caldeu Hormuzd Rassam a ocupar à força posições cedidas por combinação aos franceses em Nínive foram colaboradores ideais, porque sem qualquer escrúpulo, dos ingleses nesta « arqueologia » de caça ao tesouro. Os franceses honraram-se com Auguste Mariette, fundador do Museu de Bulak (a partir de 1902 no Cairo), para acabar com a espoliação das antiguidades egípcias, a pretexto de que os naturais do país não as sabiam conservar.

<sup>7</sup> Sobre a expedição de Napoleão ao Egípto e a decifração dos hieróglifos cf. C. GRIMBERG, *História Universal*, 1, trad., Lisboa 1965, pp. 87-97; C. W. CERAM, *Deuses, túmulos e sábios*. O romance da Arqueologia, trad., Círculo de Leitores, 1977, pp. 76-86; K. H. BERNHARDT, *Die Umwelt des Alten Testaments*, I, Die Quellen un ihre Erforschung, Berlin 1967, pp. 29-30, 279-295.

<sup>8</sup> *Description de l'Égypte*, Paris 1809-1813 (vinte e quatro volumes de texto e doze de gravuras); *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien*, Berlin 1849-1859 (doze volumes, ilustrados de seiscentos e cinquenta mapas e gravuras).

Entram alemães e americanos na corrida da arqueologia oriental. Salvo uma ou outra missão italiana, predominam no Próximo Oriente os arqueólogos franceses, ingleses, alemães e americanos até à Segunda Grande Guerra. Aliás são as guerras que delimitam os períodos de exploração arqueológica. A era dos pioneiros ou da caça ao tesouro termina com a guerra da Crimeia (1854-1856). A fase dos alicerces científicos e da consolidação do método horizontal encerra-se com a Primeira Grande Guerra (1914-1918). Do armistício ao estalar da Segunda Grande Guerra (1939-1945) decorre um dos mais brilhantes períodos de investigação arqueológica do Próximo Oriente<sup>9</sup>.

Em 1880 chega ao Egipto W. M. Flinders Petrie, o fundador (para outros patriarca) da arqueologia oriental científica. E. Sellin e C. Watzinger dirigem a primeira expedição cientificamente organizada na Palestina (Jericó : 1907-1913). R. Koldewey ataca com pleno êxito a colina de Babilónia (1899-1917), expondo muralhas e palácios, a Rua da Procissão e a Porta de Ishtar. H. Winckler, aliando a competência de assiriólogo a um feitio irascível, penetra no coração do império hitita, Boghazköy/Hattusa, entre 1905 e 1913.

Vêm as descobertas sensacionais de entre as duas guerras : Ras Shamra/Ugarit e Tell Hariri/Mari. Não só esses dois sítios com os chefes de missão que lhes estão ligados (C. F. A. Schaeffer e A. Parrot, respectivamente) se impõem à consideração e admiração do mundo científico. Há nomes que, pelo rigor da metodologia e pelo brilho dos resultados, acompanharão para sempre alguns dos grandes centros de cultura e civilização do mundo antigo. Sakkara evocará J. P. Lauer, Tell Mugheir/Ur e Tell Atchana/Alalakh a L. Wooley, Boghazköy/Hattusa a K. Bittel, Çatal Hüyük a J. Mellaart, Jericó a K. Kenyon, Tell Beit Mirsim a W. F. Albright e à sua cronologia absoluta da cerâmica, Samaria

---

<sup>9</sup> A. PARROT, *Découverte des mondes ensevelis* (CAB), Neuchâtel 1955<sup>3</sup>, p. 57 : « Avec le recul du temps il est probable qu'on reconnaîtra que les années 1919-1939 auront été l'âge d'or de l'archéologie orientale. »

a G. A. Reisner e à Universidade de Harvard, Megiddo a C. S. Fisher e ao Oriental Institute da Universidade de Chicago, Tell el Far'ah a R. de Vaux e à École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém. Há campanhas que se prolongam por decénios, como a de J. P. Lauer em Sakkara, a de K. Bittel em Boghazköy, a de C. F. A. Schaeffer em Ras Shamra, a de A. Parrot em Tell Hariri. Trabalho moroso, exigente em metodologia e recursos financeiros, globalmente muito compensador. No vazio dos mapas históricos cravou-se um pontilhado de cidades importantes, cuja posição e grandeza histórica umas vezes se ignorava completamente outras só chegava aos modernos em menções genéricas e nebulosas dos autores clássicos e do Antigo Testamento. Com as descobertas arqueológicas dos últimos cento e cinquenta anos, um passado de brilhantes realizações ressuscitou; os primeiros milénios da história iluminaram-se; uma aventura humana não sonhada veio à luz.

Acabaram as rivalidades desonestas das potências europeias. Reina a concertação e a cooperação científica das nações e da comunidade internacional. Para só tomar como exemplos a Síria e a Palestina/Transjordânia das últimas décadas, que ordenado formigueiro de homens, escolas e nacionalidades! Na Síria, são polacos e suíços em Palmira; alemães em Tell Halaf, Tell Khuera e Tell Mumbaqtat; holandeses em Gebel Aruda; britânicos em Tell Brak; italianos em Tell Mardikh/Ebla; dinamarqueses em Tell Sūkās<sup>10</sup>. São as universidades de Roma, de Amsterdão, de Los Angeles, de Chicago; é a Deutsche Orient-Gesellschaft, a Fundação M. v. Oppenheim; é enfim a UNESCO a responder ao apelo do governo sírio para salvar os sítios arqueológicos ameaçados pelas águas da barragem de eth-Thawra. Para não falar, claro está, nas escavações levadas a efeito pelas Direcções-Gerais das Antiguidades, de Damasco<sup>11</sup> e Amã.

<sup>10</sup> P. J. RIIS, *Sūkā I: The North-East Sanctuary and the First Settling of Greeks in Syria and Palestine* (Det Kongelige Videnskabernes Selskab), Copenhagen 1970.

<sup>11</sup> Cf. P. MATTHIAE, *Ebla. Un impero ritrovato*, Torino 1977, pp. 22-30.

Além das universidades de Israel, escavam na Palestina missões francesas, holandesas, britânicas, americanas. Até o Japão manda uma expedição arqueológica a Tell Zeror<sup>12</sup>. Até os espanhóis sacodem o complexo de inferioridade perante as escolas arqueológicas de nome feito. E empreendem escavações na Transjordânia : Mugharet Dalal (1960-1961), El Khiam (1962), Khirbet Ara'ir/Aroer<sup>13</sup>.

De portugueses não reza a história ...

## LÍNGUAS : DECIFRAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO

Enquanto os arqueólogos remexiam as areias ressequidas dos vales do Nilo, do Eufrates e do Tigre ou atacavam as colinas a que os naturais da Síria-Palestina chamam *tell* e os da Turquia *höyük* e *tepe*, outros esgaravatavam num terreno bem mais duro e sáfaro por longo tempo : as escritas do Egipto e da Mesopotâmia e Pérsia (só mais tarde se verificou a difusão da escrita cuneiforme por todo o Crescente Fértil). Se não se alinhasse coerentemente o batalhão de desenhos que adornavam os monumentos do antigo Egipto e não se penetrasse de algum modo na floresta de pregos cruzados que nos deixaram os Mesopotâmios, as civilizações do Próximo Oriente antigo permaneceriam o enigma mais bem guardado de Esfinge de Gizé. Que significariam essas

---

<sup>12</sup> Cf. K. OHATA, (ed.), *Tell Zeror : Preliminary Report of the Excavation, First Season 1964*, Tokio 1966 ; II (Second Season 1965), Tokio 1967.

<sup>13</sup> J. GONZALEZ ECHEGARAY, *La aportación española a la arqueología bíblica*, em Cuadernos Bíblicos, Valencia 1978, pp. 2-14. Relatos preliminares em RB 70 (1963) 94-114 (El Khiam); 72 (1965) 77-94 ('Arro'er); 76 (1969) 230-259 ('Arro'er). Como estudo de fundo, recorde-se J. GONZALEZ ECHEGARAY, *Notes toward a Systematization of the Upper Paleolithic in Palestine*, Chicago 1973.

serpentes, esses gansos, esses pássaros, esses leões, esses ramos de palmeira, essas flores de lótus, esses homens agachados ou em marcha, ou, do outro lado da meia-lua, que significaram os antigos com o bater de pregos ao comprido e de topo ?!

Depois de muitas tentativas infrutíferas, Jean François Champollion quebrou o enguiço para o Egipto. Dera-lhe a chave uma pedra semelhante a muitas mais, encontrada em Roseta, no Delta, por um oficial de artilharia da expedição napoleónica. Semelhante ... excepto no facto de ser trilingue (em hieróglifos, demótico e no bem conhecido grego). Era por Setembro de 1822<sup>14</sup>.

Champollion morreu novo e não deixou discípulos. Mas o estudo da língua egípcia não mais havia de parar. Continuou-o brilhantemente o alemão Richard Lepsius, por muitos considerado o fundador da moderna Egiptologia.

Navegar no mar escuro do cuneiforme era uma odisséia mais aventurosa. Não houve o equivalente a uma Pedra de Roseta, a rasgar o caminho à decifração. Só o engenho, a argúcia intelectual e essa sua aliada de eleição a que chamamos fantasia intuitiva. Houve que esgatanhar ... e não apenas em sentido figurado. Pois, se Georg Friedrich Grotefend — o pioneiro — não saiu do seu escritório de Göttingen, já Henry C. Rawlinson arriscou a vida trepando pela falésia de Behistun e balouçando em cordas a cem metros do solo enquanto copiava a inscrição de Dario I. Grotefend fundou-se na suposição de que as inscrições régias da Pérsia moderna seguissem um modelo muito antigo. Nesse caso, deveria repetir-se profusamente a palavra « rei » e o símbolo correspondente na escrita cuneiforme. A hipótese verificou-se e a decifração começava<sup>15</sup>. Os passos seguintes deram-nos sobretudo os ingleses. Edward Hincks pôs o problema dos inventores da escrita. Deviam ter sido mesopotâmios. E desta área só se conheciam Assírios e Babilónios. Mas como atribuir a semitas, cujos alfabetos só conhecem consoantes, a invenção de uma escrita que também exara

---

<sup>14</sup> Cf. lugares citados n. 7 *supra*.

<sup>15</sup> Cf. C. W. CERAM, *o. c.*, pp. 159-167 ; K. H. BERNHARDT, *o. c.*, pp. 39, 310-320.

as vogais? Rawlinson deu-se com tabuinhas bilingues — uma língua semítica traduzida noutra ou dela retrovertida. Esses não-semítas é que deviam ter inventado a escrita cuneiforme com símbolos para consoantes e vogais. O problema era agora baptizar os povos que falaram e escreveram uma e outra língua.

Jules Oppert arranjou a etiqueta. Numa conferência que proferiu em Paris a 17 de Janeiro de 1869, defendeu que o povo e a língua não-semita se deviam chamar « Sumérios », um nome que tinha desaparecido completamente da memória das gentes<sup>16</sup>. Se o título de « Rei de Sumer e Akkad » usado por monarcas mesopotâmicos tinha algum sentido, argumentava Oppert, devia abranger duas etnias: a semítica (Akkad) e a não-semítica (Sumer). Desta tinha partido a invenção da escrita cuneiforme<sup>17</sup>. Assim se designaram até hoje os dois ramos principais dos estudos linguísticos e literários do cuneiforme: Sumeriologia e Assiriologia (dando de barato que os Babilónios precederam em mais do que um aspecto os Assírios). Acádico veio a ser o nome da mais antiga língua semítica da Mesopotâmia, com dois ramos dialectais, o Babilónico e o Assírio. Mas o termo « assírio » desfrutou de grande voga. « Assíria » foi a primeira gramática, assinada já em 1889 pelo alemão F. Delitzsch. « Assírio » foi o primeiro dicionário de uma língua semítica recém-descoberta, do mesmo autor e de 1896. Aí estavam os frutos da escola alemã de Assiriologia, fundada nos anos 70 por E. Schrader e F. Delitzsch. « Felizmente, exprimem-se na escrita cuneiforme tanto vogais como consoantes, e assim Landsberger e a sua escola foram capazes de elevar o nosso conhecimento das subtilidades gramaticais e lexicais do Acádico (Assiro-Babilónico) a um nível acima do do Hebraico bíblico e quase igual ao do Grego e do Latim »<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> Talvez conservado na *Šin'ar* do Antigo Testamento, onde os intérpretes viam simplesmente « Babilónia »; cf. E. A. SPEISER, *Genesis* (AB 1), Garden City, New York 1964, p. 67.

<sup>17</sup> Cf. S. N. KRAMER, *Os Sumérios*. Sua história, cultura e carácter, trad., Lisboa 1977, pp. 29-36.

<sup>18</sup> W. F. ALBRIGHT, *From the Stone Age to Christianity*. Monotheism and the Historical Process, Garden City, New York, 1957<sup>2</sup>, p. 35.

Em 1880 tinha aparecido a primeira gramática egípcia, da autoria do fundador da escola berlinense de Egiptologia, A. Erman.

Ao contrário dos hieróglifos egípcios, a escrita cuneiforme (como, por exemplo, o alfabeto latino nos nossos dias) não foi empregada só para uma língua. Inventada pelos Sumérios, adaptou-se uns séculos mais tarde à língua semítica dos Acádios, elevada assim a língua escrita e literária. Outros povos a adoptaram, em línguas tão diferentes como o Elamita, o Hitita, o Luvita, o Urarteu e o Persa, entre outras. Pela quantidade da documentação e pela importância histórica do povo que a falou, salienta-se especialmente o Hitita, a que mais propriamente se deveria chamar Neshita ou Kaneshita<sup>19</sup>. É esta a língua mais bem representada nos arquivos de Boghazköy, juntamente com o Acádico, a língua das chancelarias e da diplomacia internacional da segunda metade do 2.º milénio a. C., ou seja, logo que começou a diplomacia entre as grandes potências. A decifração do Hitita deve-se ao checo B. Hrozny (1915).

Em 1929, mais uma descoberta sensacional: o Ugarítico, que bem depressa receberia o nome e a decifração. Ugarit foi a identificação proposta em 1930 por W. F. Albright e E. Forrer para a cidade da costa síria, cujas ruínas os franceses iam desvendando em Ras Shamra. A decifração estava feita em 1932, obra de três especialistas que trabalharam independentemente em Jerusalém (E. Dhorme), Paris (C. Virolleaud) e Halle, na Alemanha (H. Bauer). O Ugarítico enfileirava no panteão das línguas semíticas. Língua ou dialecto, amorita, cananeou ou língua intermédia entre o grupo ocidental e o Acádico... sobre isso podem os especialistas manter o debate. Do carácter semítico é que não há dúvida. Mas a descoberta mais original das gentes de Ugarit em

---

<sup>19</sup> Língua da cidade de Kanesh. Para evitar confusões e não ir contra o uso estabelecido, dá-se o nome de Proto-Hitita ou Hático à língua dos autóctones encontrados pelos imigrantes « hititas » na Anatólia. Sobre a decifração das línguas antigas desta área geográfica cf. K. H. BERNHARDT, *o. c.*, pp. 345-355.

relação com a sua língua foi terem inventado um alfabeto cuneiforme, reduzindo os símbolos a trinta<sup>20</sup>.

Apareceram finalmente três arquivos insuspeitados nas escavações italianas de Tell Mardikh/Ebla: quarenta e duas placas em 1974; dezasseis mil em 1975. Mais uma língua semítica, o Eblaíta, distinta do Acádico e do Amorita, do grupo do Noroeste. Usou os logogramas sumérios nos textos económicos e um cuneiforme adaptado ao linguajar semítico nos textos literários<sup>21</sup>.

Com os apêndices da Checoslováquia e da Itália, os obreiros da decifração repartem-se quase exclusivamente pelas pátrias dos arqueólogos — França, Alemanha e Inglaterra. Em breve se lhes juntaram americanos e outros europeus. E os antigos Egípcios, Semitas da Mesopotâmia, Sumérios, Hititas, Eblaítas (em menor escala também os Hurritas e os Elamitas) começaram a interpelar os modernos nas suas línguas próprias, doravante inteligíveis. Em tão porfiados esforços de decifração, de portugueses não reza a História ...

A sistematização das línguas semíticas não nasceu ontem. Era evidente que alguma relação de parentesco aproximava algumas delas. Quem não via a semelhança entre os vocábulos com que se designa « cão » em árabe (*kalbun*), hebraico (*keleb*) e aramaico (*kalba*), muito mais próximos do que os correspondentes *kuôn* (grego), *canis* (latim) e *hound* (inglês)?! Já no século XI, o rabino Yehuda Hayyug aplicou os métodos da gramática árabe ao Hebreu. Na ânsia de regressar às fontes, o Renascimento leu avidamente o Hebraico e o Aramaico, mas pouco avançou na sistematização. Como a Idade Média, considerou o Hebraico (língua de Adão e Eva no paraíso terreal!) a mais antiga das línguas; sua filha era o Árabe; o Aramaico não passava de um

---

<sup>20</sup> Cf. E. JACOB, *Ras Shamra et l'Ancien Testament* (CAB 12), Neuchâtel 1960, pp. 12-13, 22-29; M. H. POPE, *Job* (AB 15), p. XXIII, n. 3; K. H. BERNHARDT, *o. c.*, pp. 337-339.

<sup>21</sup> Cf. P. MATTHIAE, *o. c.*, pp. 171-176; recensão crítica em *Arqui-pélago*, Série Ciências Humanas, 3 (1981) 523-527 (J. Nunes Carreira).

Hebreu estragado<sup>22</sup>. No século XVI, o hebraísta português Francisco Foreiro identifica o Siríaco com o Aramaico, uma língua muito « afim » do Hebraico que suplantou na Palestina pós-exílica<sup>23</sup>. No século XVII reconheceu-se mais um parente — o Etíope. Veio o século XVIII e com ele um neologismo para cobrir de um só manto todas essas línguas. Chamou-se-lhes « semíticas »<sup>24</sup> (até aí eram « orientais »), com base na Tábua das Nações (Gn 10). Nesse « esforço pioneiro entre as tentativas etnográficas do mundo antigo », fazem-se remontar efectivamente Árabes, Hebreus, Arameus e Assírios, através dos respectivos epónimos, a Sem, um dos três filhos de Noé. Mas pouco ou nada se altera a relação das línguas na árvore genealógica. Ainda nos princípios do século XIX, J. C. W. Augusti, professor da Universidade de Bonn, declara enfaticamente que o Hebraico é « a mais antiga das línguas conhecidas » (« die älteste unter allen uns bekannten Sprachen »). Deixava só de ser « mãe », para se tornar a « irmã mais velha » das restantes línguas<sup>25</sup>.

A mais notável inovação neste campo partiu de W. W. Wright, que nos fins do século passado e na Universidade de Cambridge encetou o estudo comparado ads línguas semíticas. As suas lições só foram publicadas em 1890. Duas décadas mais

---

<sup>22</sup> Cf. J. H. HOSPERS, *A Hundred Years of Semitic Comparative Linguistics*, em W. A. Beek et alii, *Studia Biblica et Semitica Th. C. Vriezen dedicata*, Wageningen 1966, pp. 138-141.

<sup>23</sup> F. FOREIRO, *Vetus et nova ex Hebraico versio cum commentario*, Veneza 1563, fol. 127, a propósito de Is 36,10: « Syra lingua. Aramithice, seu lingua Aramea ... non dum enim Iudaeis in Babylonem translatis, Chaldaicam linguam, quae in multis Syriae provinciis communis erat, pauci tantum intelligebant: sicut postquam illinc reversi sunt, non omnes Hebraice sciebant, sed docti tantum ... quamvis alioqui affines sint ambae linguae, et altera alterius dialectus. »

<sup>24</sup> A. L. SCHÖLZER, em *Eichhorns Repetitorium*, VIII, Leipzig 1781, p. 161.

<sup>25</sup> Cf. M. NOTH, *Geschichte und Gotteswort im Alten Testament*, em ID., *Gesammelte Studien zum Alten Testament* (TB 6), München 1960, p. 231.

tarde, aí tínhamos o ainda hoje insubstituível estudo sistemático de C. Brockelmann<sup>26</sup>.

A pouco e pouco foi-se reconhecendo o parentesco das línguas do norte de África. E também aqui se criou o neologismo : línguas « camíticas » (de Cam, outro filho de Noé em Gn 10, de quem procederiam os Egípcios). Foi o egiptólogo C. R. Lepsius quem, em 1860, introduziu o termo.

Em 1898, H. Zimmern alinha as línguas semíticas com as camíticas<sup>27</sup>, uma ideia não aproveitada por C. Brockelmann. Nos últimos três decénios impôs-se o agrupamento das duas famílias linguísticas. Ao lado do Indo-Europeu, surgiu o Camito-Semítico, distribuído por cinco ramos principais : línguas semíticas dum lado, e do outro, Egípcio, línguas cuxíticas, berberes e chádicas. Para os domínios « elementares » (partes do corpo, parentesco, actividades e qualidades humanas importantes, alguns animais) há uma raiz camito-semítica comum. É o que acontece, por exemplo, com os vocábulos que vieram a designar « homem », « olho », « dente », « coração », « língua », « eu », « tu », « água », « cão », « chacal », da mesma raiz em todas essas línguas. Em 1969, reunia-se o primeiro congresso internacional de Linguística Semítica e Camito-Semítica Comparada<sup>28</sup>.

As línguas semíticas classificam-se geralmente na base de coordenadas geográficas. O paralelo divide-se em Semítico do Norte

---

<sup>26</sup> *Grundriss der vergleichenden Grammatik der Semitischen Sprachen*, Berlin 1908-1913. Brockelmann pertence já ao segundo período da linguística semítica comparada. O iniciador absoluto, se assim é lícito falar, terá sido E. RENAN, *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*, I, Paris 1855. Para a evolução dos últimos cem anos cf. G. GARBINI, *Problemi di metodo relativi alla comparazione linguistica semitica: cento anni dopo*, em *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, NS 17 (1977) 113-124.

<sup>27</sup> H. ZIMMERN, *Vergleichende Grammatik der semitischen Sprachen*, Berlin 1898.

<sup>28</sup> A. CAQUOT/D. COHEN (ed.), *Actes du Premier Congrès International de Linguistique Sémitique et Chamito-Sémitique Comparée* (Ianua Linguarum Series Practica, 19), The Hague 1974.

— Acádico, Cananeu (com os dialectos Hebraico, Moabita, Ugarítico e Fenício-Púnico) e Arameu — e Semítico do Sul — Árabe clássico e Árabe do Sul (com o Etíope Médio ou Geez e o Etíope moderno como dialectos). Tomando o meridiano como ponto de referência, teremos o Semítico Oriental (Acádico) e o Semítico Ocidental (Cananeu, Hebreu, Arameu, Árabe e Etíope).

Muito bem representado, o grupo linguístico camito-semítico está longe de ser o único do Próximo Oriente antigo. Ao Indo-Europeu pertencem o Hitita (bem documentado sobretudo nos arquivos de Boghazköy), o Luvita ou Lúvico, o Palaico ou Palaíta e dialectos indo-arianos como o Persa aqueménida. Línguas de origem e filiação incógnita são o Sumério, o Elamita, o Hurrita, o Cassita, o Urarteu, o Proto-Hitita ou Hático. E tamanho leque dá bem a entender quantos povos, culturas e civilizações se entrecruzaram, chocaram e amalgamaram na bacia do Mediterrâneo oriental.

Vistas as coisas de Portugal, o panorama é o mesmo: se exceptuarmos o modesto contributo dos grandes hebraístas de Quinhentos, também neste trabalho de sistematização de portugueses não reza a História ...

#### ORIENTALÍSTICA EM PORTUGAL: QUE FUTURO ?

A dois passos do século XXI, ainda as ondas da investigação arqueológica e linguística do Próximo Oriente antigo não tocaram praticamente as nossas praias. Como se os ventos soprassem rijos em sentido inverso ou quebrassem de vez na muralha intransponível dos Pirinéus. Como se os hebraístas tivessem morrido com os Azambujas, os Foreiros, os Figueirós e tantos judeus e cristãos que entre nós se notabilizaram por estudos exegéticos e gramaticais. Tem-se ensinado Árabe e Hebraico nas nossas universidades. A partir de D. José, o ensino das então chamadas genericamente línguas orientais tomou enorme incremento em Coimbra. Cultivaram-se o Hebraico, o Árabe e o Siríaco, em exemplar colaboração

internacional e inter-confessional: o judeu marroquino Abraham ben-Isai começa a ensinar Hebraico no Convento de Jesus em 1768; o sacerdote maronita Paulo Hodar é convidado a leccionar Línguas Orientais na Universidade (1773-1780)<sup>29</sup>.

Por aqui ficámos. Por aqui estagnamos. Em vão procuramos nomes portugueses na bibliografia internacional das diversas especialidades (deixo de lado o Árabe clássico, muito afastado do mundo pré-clássico). Egiptologia, Sumeriologia, Assiriologia, Hititologia, Ugaritologia, talvez mesmo Hebraística (para me ficar nos ramos mais importantes) parecerão nomes estranhos de disciplinas esotéricas, reservadas a iniciados estrangeiros que não arranjam melhor maneira de passar o tempo. Nem na velha e ilustre Universidade de Coimbra, nem na Clássica ou na Nova de Lisboa, em parte nenhuma do nosso país desponta um modesto Departamento de Hebreu e Arameu ou, com maior ambição, de Línguas e Literaturas Semíticas. O único vislumbre de línguas semíticas cuneiformes, quanto é do meu conhecimento, vem da Universidade do Porto<sup>30</sup>. A nosso lado, o panorama é bem diferente. Na pequena Suíça existem cátedras de Egiptologia. Na Bélgica há a Fondation Égyptologique Reine Élisabeth desde 1923. Na Holanda a Vorzatisch-Egyptisch Genootschap desde 1933.

Em Portugal, a Orientalística parece definitivamente confinada ou condenada ao dicionário. Perguntar pelo futuro da Orientalística em Portugal assemelha-se a um exercício de retórica ou a um convite ao pessimismo. Será de continuar assim, sem nada empreender para modificar a situação? Ou será que não interessa o que não dá dinheiro a breve prazo? No entanto, nada seria mais trágico do que desprezar a cultura ou reduzi-la à técnica. E como construir uma sociedade humana sem pensar o Homem?

---

<sup>29</sup> Cf. M. AUGUSTO RODRIGUES, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra (1640-1910)*, Coimbra 1975, pp. 75-76, também em separata de Revista Portuguesa de História, XV (1971) 116-117.

<sup>30</sup> O. VALDEZ DOS SANTOS, *Lições de Gramática Assíria* dadas ao curso de « Assiriologia » de 1961-1962 do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, Porto 1965.

Mas será possível pensar o Homem e a sua condição de ser-histórico sem atentar nos seus esforços e acompanhar as suas conquistas, esse esbracejar e elevar-se à criação das primeiras culturas e civilizações, de que ainda hoje respiramos o odor, mesmo sem o sabermos? Eis um ponto em que vale a pena reflectir. Repugna que a Ciência, neste caso a Orientalística, nos continue a ficar caríssima em direitos de alfândega, como no tempo de Eça de Queirós. Só que o problema não se resolve com caixotes. Do estrangeiro terá de vir o primeiro egiptólogo, o primeiro sumeriólogo, o primeiro assiriólogo. Numa coisa é que ninguém nos substitui: no projecto e na coragem de começar.